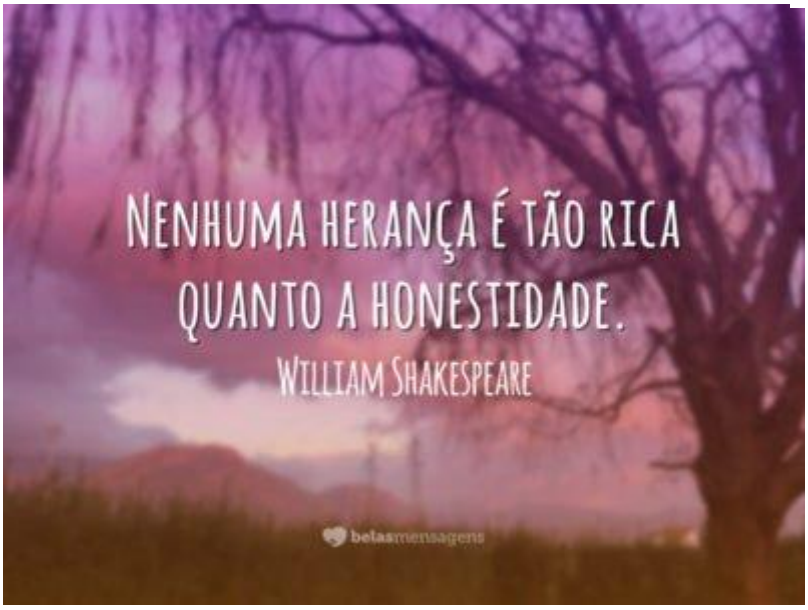
Material elaborado pela profª Elisangela Batarra - Língua Portuguesa

7ºs anos A, B, C, D e E

SEMANA 15/06 A 19/06



Instruções para realização das atividades:

1. As atividades devem ser realizadas no caderno de português, quem preferir pode imprimir e colar as atividades no caderno, quem não imprimir precisa copiar as perguntas e responder;
2. Primeiramente teremos um texto para leitura inicial, só para deleite e reflexão, não há atividades sobre a poesia *SonetoXVII de Pablo Neruda;*
3. Atividades do número 13 ao 26. Ler o texto com atenção para responder as perguntas;
4. Escrever pauta com a data, (para esta atividade a data da pauta é semana de 15/06 a 19/06;
5. Preste atenção na pontuação, paragrafação, margens e capriche na letra;
6. Estamos atendendo os alunos no plantão via watts app para solução de dúvidas, por isso as atividades precisam ser concluídas.

LEITURA INICIAL: SONETO XVII Pablo Neruda

(...)
Amo-te como a planta que não floriu e tem
dentro de si, escondida, a luz das flores,
e, graças ao teu amor, vive obscuro em meu corpo
o denso aroma que subiu da terra.

Amo-te sem saber como, nem quando, nem onde,
amo-te diretamente sem problemas nem orgulho:
amo-te assim porque não sei amar de outra maneira,

a não ser deste modo em que nem eu sou nem tu és,
tão perto que a tua mão no meu peito é minha,
tão perto que os teus olhos se fecham com meu sono.

Pablo Neruda

ATIVIDADES –Trabalharemos o gênero crônica, é muito importante que conheçamos as características desse gênero, tão interessante e prazeroso de ler. Depois de estudar as características da crônica,faremos um estudo com o texto *O homem nu,* de Fernando Sabino.

O gênero crônica

A **crônica** é um gênero textual típico dos séculos XIX, XX e XXI, normalmente sendo **encontrada em jornais ou revistas**. Em muitos casos, célebres cronistas – tais quais Lima Barreto ou Luís Fernando Veríssimo – reúnem suas crônicas em livros.

Características
O fator principal que define a crônica é sua temática: crônicas abordam assuntos vinculados ao **cotidiano** das cidades.
Um bom cronista é aquele que narra situações banais sob uma ótica particular e criativa.
É comum que esse tipo de texto tenha marcas claras de humor.
A linguagem da crônica costuma ser coloquial e simples. A leveza na linguagem é típica do gênero.
Normalmente, as crônicas são publicadas em jornais, revistas e blogs.

Tipos de crônica
A produção de crônicas está diretamente **ligada à difusão da imprensa** na sociedade. Foi por meio dos jornais que, a priori, as crônicas começaram a circular na vida dos cidadãos. Entretanto, se esse espaço de publicação ainda é o mais utilizado pelos cronistas, os tipos de crônicas que existem são diversos. De algum modo, é possível dizer que existem **dois tipos de crônica**: as narrativas e as jornalísticas.

Crônica narrativa: são aquelas que não apresentam estruturas textuais argumentativas ou reflexivas predominantes. Nesse caso, a crônica pode ser definida como um gênero literário marcado pela **narração de situações cotidianas** sob uma ótica individual.

Crônica jornalística: Diferentemente da anterior, as crônicas jornalísticas **misturam as tipologias textuais narrativa e argumentativa**. Isso porque, a partir da narração de fatos cotidianos, os cronistas de jornal promovem reflexões e desenvolvem teses e argumentos.

Crônica humorística: Tanto nas crônicas narrativas quanto nas jornalísticas, é muito comum que o humor seja uma das tônicas do texto. O uso da ironia, de comparações inusitadas ou ainda a tematização de assuntos cômicos por excelência são algumas das técnicas usadas pelos cronistas.

CRÔNICA: O HOMEM NU - FERNANDO SABINO

Ao acordar, disse para a mulher:

— Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

— Explique isso ao homem — ponderou a mulher.

— Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar — amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com

cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:

— Maria! Abre aí, Maria. Sou eu — chamou, em voz baixa.

Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares... Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

— Maria, por favor! Sou eu!

Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo... Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um ballet grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de mais um lanço de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão.

Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

— Ah, isso é que não! — fez o homem nu, sobressaltado.

E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pelo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido... Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!

— Isso é que não — repetiu, furioso.

Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: "Emergência: parar". Muito bem. E agora? Iria subir ou descer? Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.

— Maria! Abre esta porta! — gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela. Ouviu que outra porta se abria atrás de si.

Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do apartamento vizinho:

— Bom dia, minha senhora — disse ele, confuso. — Imagine que eu...

A velha, estarrecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:

— Valha-me Deus! O padeiro está nu!

E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:

— Tem um homem pelado aqui na porta!

Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:

— É um tarado!

— Olha, que horror!

— Não olha não! Já pra dentro, minha filha!

Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.

— Deve ser a polícia — disse ele, ainda ofegante, indo abrir.

Não era: era o cobrador da televisão.

Fernando Sabino. Extraída do livro de mesmo nome,

Editora do Autor - Rio de Janeiro, 1960, pág. 65

Glossário

Vigarice: Ato de trapaça; fraude.
Lanço: Parte de uma escada entre dois patamares sucessivos; o mesmo que lance.
Grotesco: Ridículo, extravagante.
Encetar: Iniciar, começar.
Em pelo: Nu, pelado.
Pesadelo de Kafka: Referência ao escritor checo Franz Kafka, que criou histórias fantásticas com toques de terror e situações incomuns. Muitas vezes, seus personagens se sentiam assustados e em agonia, como se vivessem um pesadelo.
Regime do Terror. Referência ao período da Revolução Francesa compreendido entre 31 de maio de 1793 e 27 de julho de 1794, em que milhares de pessoas foram executadas na guilhotina por se oporem ao governo e às ideias de Maximilien de Robespierre.
Estarrecida. Espantada, horrorizada, perplexa.
Radiopatrulha. Veículo da polícia, equipado com rádio.

Entendendo a crônica:

01 – O que gerou o conflito da narrativa?

02 – Qual é o enredo ou conflito da narrativa?

03 – Que palavras do texto pode substituir a expressão “parar repentinamente”?

04 – Qual a causa ou motivo que levou o homem a se esconder para não debitar a dívida?

05 – Qual é o cenário onde esta história se passa?

06 – Copie um trecho do texto que expresse ideia de humor.

07 – Copie do texto um trecho referente ao tempo cronológico.

08 – Quais são os personagens principais do texto?

09 – Quais são os personagens secundários?

10 – Com que finalidade o cronista nos propõe esta crônica?

11 – De que maneira o cronista se expressa para finalizar sua história?

12 – A narrativa desta crônica está em que pessoa verbal?

13 – Quais os tempos verbais predominantes nesta crônica?

14 – O homem saiu do apartamento com qual objetivo e como ele estava?

15 – Qual o efeito cômico que o autor explora nesta situação corriqueira?

16 – Dividindo-se a narrativa em três partes, descreva com uma frase:

1 – A situação inicial:

2 – O conflito:

3 – A resolução final: